

“É necessário ir longe, rio acima, para localizar o tributário ou galho específico da árvore familiar que é a fonte do aparente obstáculo que percebemos agora, na vida deste homem, como um pedaço de madeira esperando para atravança-lo na sua corrida na praia.”

Denny Johnson

PAINEL

Título do trabalho:

“REGISTROS HISTÓRICOS NA ÁRVORE GENEALÓGICA DOS BACHNER E OS SINAIS IRIDOLÓGICOS ATUAIS”

Autora: Maria Aparecida dos Santos

Co-autora: Rebecca Bachner

SUMÁRIO

Este trabalho, em forma de PAINEL DEMONSTRATIVO, traz a verdadeira saga de uma família, os Bachner, dentro de uma viagem através da árvore genealógica da família.

É demonstrado a partir de fatos ocorridos na história política mundial, vividos pela família, influenciando mudanças em suas vidas, influenciando suas emoções e condições de sobrevivência, desde o período de 1800 na Polônia até os dias atuais no Brasil.

O PAINEL DEMONSTRATIVO traz imagens de fatos históricos, imagens através de fotografias da família nas épocas dos fatos históricos e imagens das íris de membros de 3 gerações, colhidas atualmente.

Traça um paralelo entre os sinais iridológicos e as emoções vividas nas gerações passadas (influência transgeracional).

HISTÓRICO FAMILIAR

Família Paterna

Foi um período onde saiu-se de uma atividade estritamente agrícola para o início da industrialização na Europa, entre 1870 a 1914. Entre a Polônia e a Alemanha, houve 39 guerras civis. Polônia possuía grandes reservas de carvão, cobre, enxofre e gás natural, elementos fundamentais para o desenvolvimento industrial da Alemanha. A recessão econômica assolou por diversos momentos a Europa e obrigou, neste período, um grande número de deslocamentos demográficos, provocando emigrações e migrações mundiais.

Concomitantemente, houve a ascensão do nacionalismo na Europa no período compreendido entre 1800 a 1914. Gerando distúrbios e desavenças entre diversos países. Houve um conflito entre a Rússia e a Polônia, onde os “progroms” eram ameaçadores a comunidade judaica. A igreja incitava o povo a atacar os judeus e conseqüentemente amealhava seus bens. O idioma, a religião, as idéias, passam a fazer diferenças, culminando com a Primeira Guerra Mundial em 1914.

Além disso, o mundo sofreu com a Grande Depressão entre 1929 a 1939.

Com este cenário de fundo, onde os valores, conceitos, impérios e territórios eram questionados, modificados. Vivia-se um momento de transição. E a transição por si só gera insegurança. O desconhecido se aproxima, trazendo o medo.

Meu bisavô, Abraham Bachner, natural da Polônia, era músico, violinista. Nesta época o músico, era um profissional muito requisitado e respeitado. A vida artística no século passado era valorizadíssima. Os concertos, óperas, músicas de câmara, recitais, bailes, restaurantes, cafés, enfim, a vida social girava em torno da música. Teve 15 filhos.

Maksymilian, assim como seus irmãos, tiveram uma formação musical erudita, recebida de seu pai.

Meu avô paterno, Maksymilian Bachner, 1892 –1979, era natural da Polônia, de Auswityn, posteriormente chamada pelos alemães de Auschwitz.

Optou pelo violino. A música foi sempre sua grande paixão. E, ela lhe deu o sustento, quando mais precisou.

Estudou em Berlim na Alemanha. Lá havia a melhor universidade de medicina. Especializou-se, assim como seus irmãos, em odontologia.

Todos eram músicos e dentistas.

Durante a noite, tocava nos cafés. Desta forma, mantinha sustento.

Contraiu a terrível gripe espanhola, e perdeu um pulmão, pouco antes dos anos 20.

Mas em meio a tudo isto...

Após concluir seus estudos retornou à Polônia e abriu um consultório dentário e um laboratório de prótese dentária, em Katowice. Era uma cidade próspera. O desenvolvimento havia chegado. As minas de carvão, a ferrovia, as indústrias, traziam muitos clientes. Os negócios prosperavam. Maksymilian chama seu irmão para auxiliá-lo e abre uma outra clínica.

Certo dia, num final de semana, vai à uma festa em Nikolai, cidade situada a 16km de Katowice. Lá conhece sua futura esposa, Ruth Ehrenhaus.

De origem alemã, residindo com seus pais Zigfrid e Olga Ehrenhaus, na região da Cracóvia, Polônia.

Proprietários de uma grande loja de departamentos. Os melhores cristais, pratarias, brinquedos e vestimentas eram adquiridos lá, e tornavam o Natal, mais alegre e feliz.

Após o casamento, resolveram residir em Katowice. Os negócios iam bem. Tinham uma linda residência e a necessidade de ter filhos surgiu.

Assim em quatro de agosto de 1931, nasceu Franciszek Henryk Bachner, num clima de incertezas, dúvidas e inseguranças com relação ao futuro. Num momento onde imperavam a Depressão Econômica, a ditadura Pilsudski (regime de coronéis) (1926-1935), os movimentos grevistas envolvendo camponeses e operários e milhares de desempregados das indústrias.

Sete anos depois, 18-09-1938, nasce sua irmã Mariane Bachner.

A chegada do bebê mal pode ser brindada, pois, em outubro do mesmo ano, a Alemanha anexa a Áustria e desmembra a Tcheco-Eslováquia.

Ao perceber a movimentação dos alemães, Maksymilian, pressentiu que o próximo país a ser invadido seria a Polônia. E em setembro de 1939, Polônia foi invadida pelos alemães pelo leste e pelos russos no oeste. Tornou-se um território dividido.

Havia racionamento de tudo na Polônia. Gasolina, querosene, combustível eram escassos naqueles tempos.

Maksymilian possuía um Ford 29. E ,como em seu consultório havia álcool. Abasteceu seu carro com álcool. Fugiu com a família, Ruth, Franco e Marianne, uma sobrinha e a babá em direção à Rússia.

Quando partiram, dirigiram-se à casa de uns tios, mas já os encontraram mortos, enforcados em frente a casa e seus bens saqueados pela população. Neste momento, o caos havia se instaurado. Animosidades antigas tiveram a oportunidade de sobressair e a vingança se instaurou. Muitos inocentes, judeus ou não, tiveram suas vidas ceifadas ou sua liberdade tomada. Seus bens apropriados, seus amores impedidos de se concretizar.

Foram aprisionados, pelos russos e levados para campo de concentração na Sibéria. Por ironia do destino, devemos dizer que foi sua sorte. Passaram muita fome e frio.

A ração diária, de um pãozinho por dia, quando tinha; era reduzida a metade para alimentar a irmã que chorava de fome.

A desnutrição provocava muitos distúrbios de saúde. As doenças dizimavam a população dos campos, fazendo por si só o trabalho desagradável do extermínio. A truculência com que eram tratados, abatiam, psicologicamente os mais frágeis.

Não havia medicação, condições de higiene, calor para se defender do rigoroso inverno.

Só os mais fortes é que conseguiam sobreviver.

A Alemanha em 1940, invade o território russo. Diante do avanço das tropas inimigas, a população é empurrada para a parte oriental russa.

Foram conduzidos para o Cazaquistão, na cidade de Dzambul. Lá minha avó, Ruth, contraiu tifo. Esteve à beira da morte, mas sobreviveu. As crianças, Franco e Marianne, cresceram neste ambiente.

Certa vez, a esposa do capitão de campo, adoeceu. Meu avô, como médico, foi chamado.

Sem medicações e com os poucos recursos, para salvar a vida da esposa do oficial, arriscou-se numa cirurgia, onde teve de extrair um pulmão da senhora em questão.

Ela se salvou.

A guerra chegou ao fim. Os russos invadiram a Alemanha e aguardaram por dias a chegada dos aliados.

Durante a fuga Maksymilian, Ruth, Franciszek, Marianne, a sobrinha e a babá.

O pior período da história foi este. O pós-guerra! Terra de ninguém. Acusações, mortes, apropriações indébitas, tudo ocorria de uma forma desordenada e caótica.

As atrocidades cometidas durante a guerra eram agora, trazidas a público, chocando a todos com a bestialidade da guerra e a crueldade que o homem pôde chegar. Vimos um lado sombrio da humanidade e de nós mesmos.

Abriram-se os portões dos campos de concentração e a população não sabia e também não tinha para onde ir.

Max queria retornar à Polônia, mas os russos não queriam conceder os vistos e os documentos. Ofereciam a cidadania russa. Max recusou insistentemente. Foi mantido preso.

Sem documentos não havia como sobreviver no pós-guerra.

O capitão de campo interveio com uma proposta. Requisitou os cuidados de Max a um grupo de crianças polonesas órfãs, que, sendo um peso “morto” ou muitas bocas para alimentar, deveriam retornar à Polônia.

Este ato de gratidão, propiciou o resgate da liberdade, da esperança, e do futuro.

Em pleno inverno de 1946, chegam a Polônia. Famintos, descalços, e sem roupas apropriadas para suportar a neve e o frio.

Os corpos cobertos de feridas, devido a severa desnutrição. Franciszek, chega mancando.

Quando Max se encontrava preso, os russos colocaram Franciszek num caminhão junto com outras pessoas para leva-los a frentes de trabalho. Se eles se separassem, talvez nunca mais se vissem. Diante do perigo, com o caminhão em movimento, salta machucando sua perna e retornando ao convívio dos seus, principalmente, na ausência do pai.

Em Katowice, são acolhidos pela ex-secretária Max. São alertados a não reivindicarem seus bens, pois os conflitos terminavam em morte.

Franciszek é encaminhado ao médico e o diagnóstico é tuberculose óssea. Permanece hospitalizado durante um bom tempo. O pai acredita que o filho não sobreviverá, assim como os médicos. Franciszek pede ao pai para que quando venha visita-lo traga pão.

Tinha fome!

Aos poucos o diagnóstico foi alterado. Ao recuperar o peso, as feridas começavam a cicatrizar, os furúnculos desapareciam e engessaram sua perna, percebendo um desvio no quadril, oriundo da queda.

Neste meio tempo, Max busca por notícias dos parentes. Aos poucos as notícias vão chegando, e, não são nada boas. Pais, sogros, irmãos, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas...mortos! Auschwitz engoliu a todos!

Finalmente localiza seu irmão Isidoro. Havia estado com a esposa no Gueto de Varsóvia.

Fugiram pelos canos de esgoto, por muitos dias. Tia Manhúcia, era muito astuta e salvou a vida dos dois. Conseguiram chegar a Moravcostra e após a guerra retornaram para reencontrar a família.

Descobrem através da Cruz Vermelha, que um outro irmão de Max, Sammy, se encontrava no Uruguai, e Harry na Inglaterra. Este mudou de nome e nacionalidade para poder sobreviver à guerra. Uma irmã de Ruth, no Canadá.

Urgia pensar no futuro e na segurança da família. A instabilidade na Europa era grande.

Isidoro, decide fixar residência na Tcheco-Eslováquia. Abre seu consultório e alguns anos mais tarde vem a falecer de câncer. Manhúcia vive até os 95 anos. Sempre alegre e jovial.

Max e Ruth resolvem deixar a Europa e procuram asilo no Uruguai. Para tal, necessitam da intervenção de Sammy, que lhes deveria assegurar a residência e a possibilidade de emprego. Os trâmites legais são morosos. Finalmente conseguem o passaporte polonês. Vão para França, em 2 de janeiro de 1948, pedem autorização para o Serviço de Emigração e lá ficam aguardando a documentação vinda do Uruguai.

Finalmente, em fevereiro de 48 recebem a autorização e o visto permanente uruguaio. Embarcam no navio Formose, em abril de 48.

Uma nova etapa se inicia.

São acolhidos pelo irmão, Sammy. Uma grande barreira precisa ser superada para se conseguir um emprego, o idioma.

Franciszek começa a trabalhar, aos 17 anos, aprendendo mais um idioma, e desta forma passa a ensinar seus familiares.

A situação ainda é difícil. Max necessita aprender o idioma, para prestar um exame que lhe conferirá o exercício da profissão no Uruguai.

Abre seu consultório e lentamente vai ampliando a clientela.

Em 1953, Franciszek resolve tentar a vida no Brasil. Os pais já podiam se sustentar, Marianne estava encaminhada profissionalmente, a situação econômica estabilizou.

Era hora de dar início a sua vida.

Aqui chegando, encontrou seu tio Harry, que se fixou com a família em São Paulo. Começou a trabalhar, fazer amigos, namorar, e logo após conheceu Donaria.

Casaram-se e retornam ao Uruguai, onde a esposa é apresentada a família.

A primeira filha nasce no Brasil e seguem viagem para Israel, onde nascem os gêmeos.

Devido ao acidente ocorrido com sua filha mais velha, são encaminhados à diversos cirurgias na Europa. Os planos de permanecer em Israel são alterados, pois alguns dos melhores cirurgias plásticas e ortopédicas se encontravam no Brasil. São encaminhados pela consulesa de Israel Antonieta Feffer. Decidiu-se instalar as bases no Brasil.

Recomeçar, mais uma vez.

Franco, por falar fluentemente 8 idiomas, foi chamado por um patrício para trabalhar com vendas.

Com seu espírito jovem e alegre, sempre contando piadas, ajudando conversando muito com as pessoas progrediu rapidamente.

Nasce seu quarto filho. No ano seguinte sua mãe Ruth, vêm a falecer, em 14/7/1966 aos 61 anos, de derrame. Como estávamos num período de ditadura militar e ele com passaporte polonês, teve problemas para embarcar.

Quando conseguiu desembaraçar a papelada sua mãe já havia sido enterrada. Resolveu que se naturalizaria brasileiro e passa a se chamar Francisco Enrique Bachner, pois seu pai já tinha idade e na linha sucessória poderia ser o próximo.

É um pai maravilhoso. Participa de tudo com os filhos tornando-se um grande amigo.

A filha Beatriz Bachner, mais nova, casa-se primeiro. E como o marido é estrangeiro, foram viver no exterior.

Os filhos vão se casando e os netos vão demorando a chegar. Todos demoram de seis à sete anos para terem seus filhos.

Seu filho caçula vem a falecer com vinte e quatro anos de AIDS.

Após a perda desenvolve catarata e é cirurgiado.

Sempre teve pressão alta, ácido úrico e cólica de rins.

Certa vez, teve que bombardear as pedras com laser. Teve uma hemorragia e foi socorrido a tempo.

É curioso estabelecer a seguinte relação. Após a morte da esposa em 1966, Max desenvolve uma catarata e é cirurgiado. Num momento de perda emocional os dois, pai e filho fragilizam a visão.

Família Materna

Martha Kitoff nasceu em Kiev, Rússia, em 29/06/1910.

Período histórico:

O governo russo iniciou um programa de industrialização que priorizou as ferrovias para aperfeiçoar a defesa e reforçar a posição da Rússia na Europa, além de melhorar o transporte de pessoas e mercadorias. A meta principal era facilitar o deslocamento de tropas para as fronteiras.

O programa facilitou a migração de regiões superpovoadas da Rússia central para o oeste da Sibéria, assim como a ida de camponeses para as áreas urbanas, ampliando o proletariado

industrial. A população urbana cresceu de 6 milhões para 18,6 milhões entre 1863 e 1914, devido as indústrias têxteis e metalúrgicas.

Uma transformação econômica dessa dimensão, num país atrasado, produziu descontentamento social e político.

A insatisfação dos camponeses continuou e aumentaram os impostos e a pressão sobre a comercialização. Os trabalhadores passaram a protestar contra os baixos salários e péssimas condições de trabalho. Os partidos revolucionários exploram a situação e novas classes profissionais exigiram uma reforma política. Depois da derrota na Guerra Russo Japonesa, esse mal-estar culminou com a revolução de 1905.

O czar Nicolau II teve que criar um parlamento e o primeiro-ministro Stolpyn fez várias reformas. Em 1914 a Rússia foi arrasada pela Primeira Guerra Mundial. Após três anos de inépcia

política e militar e uma economia estrangulada provocaram a queda da dinastia Romanov. Em 1917 explode a Revolução Russa. A fome transformou exigências salariais em greve geral e filas de pão em protesto. O caos se instaurou. Havia um “duplo poder” ao se constituir um governo alternativo. Líderes soviéticos, mencheviques, moderados, socialistas revolucionários passam a integrar o governo apoiados pelos bolcheviques.

Os bolcheviques deram o golpe em 1918, e tomam o poder.

Alemanha exigiu territórios para a volta da paz e aceitar o novo governo. Lênin tenta ganhar tempo, mas os russos brancos, apoiados pelas potências estrangeiras, atacaram a jovem República Soviética. Após três anos de guerra civil os bolcheviques saíram vitoriosos, mas com alto preço: cerca de 13 milhões de mortos na guerra e de fome; destruição da economia; e substituição da moeda pelo comércio de escambo. Neste período houve muitos tumultos e só em 1925 os níveis de produção agrícola e industrial do pós-guerra se recuperaram. Internamente, há ainda muitos acertos políticos e em 1929 temos a Grande Depressão, que dura até 1939 e a Segunda Grande Guerra.

Martha Kitoff, nasceu neste contexto histórico de descontentamento social e político e de constantes guerras e revoluções. Filha de camponeses e de uma família numerosa. Era a caçula e temporona. Os irmãos bem mais velhos, cuidavam da propriedade.

Martha completou 4 anos de idade em 26/6/1914. Estamos no ano de 1914. Os confiscos de alimentos e de produções agrícolas são frequentes. Mal dá para abastecer a família para a passagem do inverno. Em agosto deste ano chegam notícias deasalentadoras. A Rússia entraria numa nova guerra. Todos se preparam para trabalhar mais e tentar tirar da terra mais frutos. Mas, naquele mesmo fatídico mês e ano, a propriedade recebe visitantes inesperados. É o exercito que vem levar os filhos para a guerra. São levados a força. Os pais imploram. Necessitam dos filhos para alimentar o povo, o exercito! Quem vai plantar e colher?

Os lamentos não são ouvidos. Os filhos mal tiveram tempo de se despedir. O choque foi tão grande para a matriarca que ela falece naquele dia. Martha perde seus irmãos, a mãe e o aconchego da família. Restam-lhe duas irmãs e o pai, inconsolável.

Nunca mais viu seus irmãos. Anastácia, sua irmã, casa-se com um oficial do exercito e vão morar um Kaunas. Seu pai vem a falecer e Martha passa a morar com sua irmã Anastácia e sua outra irmã.

A Revolução Russa traz grandes preocupações e tumultos. O exercito está dividido e o cunhado decide levar a família para um lugar seguro na Alemanha. Anastácia já tinha dois filhos pequenos e Martha sai como filha dela. A outra irmã decide ficar, pois já estava noiva de um rapaz.

Permanecem trabalhando na Alemanha. Mas, a instabilidade na Europa é grande. Decidem juntar dinheiro e prosseguir viagem. Ouvem falar do Novo Mundo e resolvem arriscar uma nova vida no Brasil que facilitava a entrada de imigrantes, pois necessitava de mão de obra.

A viagem de navio foi longa e desconfortante. Uma epidemia de sarampo levou o filho caçula de Anastácia. O navio permaneceu em quarentena. Ao desembarcarem no Porto de Antonina, no Paraná, foram encaminhados de trem as fazendas de café.

Aqui tudo era muito rudimentar e desprovido do conforto pobre que os camponeses tinham em suas terras. A adaptação foi difícil. Aprender o idioma também.

Na fazenda, conhece um imigrante português, José Joaquim e se casa. Tem quatro filhos : Esther 28/07/29; Donaria 06/02/33; Nelson 29/07/35; Oswaldo 17/04/37.

Deixam a fazenda em 1931 e vem morar em São Paulo. Abrem uma tinturaria no bairro do Paraíso, na rua Tutóia, e criam os filhos ai.

Em agosto de 1985, Martha vem a falecer. Havia-se diagnosticado um tumor na região esquerda do abdômen, próximo ao baço.

Martha nunca gostou do mês de agosto. Dizia que só coisas ruins aconteciam neste mês. Sua mãe faleceu, seus irmãos foram levados e ela veio a falecer em 11/08/1985.

Pai: José Joaquim

Nasceu em Portugal, na região de Talhas em Macedo de Cavaleiros em 20/03/1906.

Família de 5 irmãos (Maria Conceição; José Joaquim; Manuel do Nascimento; Isabel da Conceição; Francisco Joaquim de Moraes). Possuíam uma propriedade rural e viviam da terra.

José Joaquim era coroinha na igreja local. Durante uma missa, foi repreendido pelo padre com uma vara de marmelo. Recebeu várias chicotadas, por algo que não fez. Ao ser agredido, em público insultou o padre.

Para a época, foi um ato que levou a excomunicação da família. A represália passou a refletir na venda dos produtos produzidos culminando na saída da família de Portugal.

Ao chegar ao Brasil, foi trabalhar numa fazenda de café onde após um tempo se casou com Martha Kiloff.

A sua mãe Adelaide, se casou novamente e teve mais um filho (Antonio), após o falecimento do pai.

José Joaquim, era o primeiro filho homem, e tomou para si a responsabilidade das duas famílias, a que ele constituiu e a de origem.

Ajudou cada um dos irmãos com trabalho, construção de casa, dinheiro, etc...

No ano de 1970 sua mãe Adelaide veio a falecer e neste mesmo ano morre seu filho caçula (Nelson) com problema de coração.

Tem uma saúde muito boa, sempre fez tratamentos naturistas, mas começa a se queixar de dores no estômago. A bebida sempre foi sua grande companheira. Nunca foi de beber outras bebidas senão cerveja. Seus dois filhos, sofrem diversas internações devido ao alcoolismo. O caçula vem a falecer.

Descobre-se uma úlcera. Submete-se a uma cirurgia. Recupera-se bem.

Em agosto de 1985, sua esposa vem a falecer. A partir daí sua saúde torna-se frágil.

Desfaz-se de sua casa e isola-se num sítio. Volta a sentir muitas dores na região abdominal e se recusa a todo tipo de tratamento médico, com muito custo é internado e vem a falecer em 19/06/88.

Donaria de Jesus Bachner

Nasceu em 06/02/1933

É a segunda filha. Estudou até a quarta série, pois seu pai impediu-a de continuar seus estudos. Somente os filhos homens é que precisavam estudar e eles não quiseram.

Passou desde cedo a trabalhar com o pai e a ser reconhecida pelo "fazer".

Muito magra, apresentou problemas de tireóide na pré adolescência. Tratou-se com médico naturista. A menarca surgiu aos dezoito anos. Seu ciclo menstrual sempre foi muito irregular. Casou-se aos vinte e três anos com Francisco Enrique Bachner. Teve um aborto, provocado por erro médico. Em seguida faz um longo tratamento onde engravida e segue adiante com a gravidez. Resolveram tentar a vida fora do país. Franco segue viagem para

Estabelecer as bases para que a mudança ocorra. Donaria permanece pois sua gravidez está muito adiantada, e não foi permitido seu embarque. Durante esse tempo em que aguarda a chegada do bebê, e está mais sensível e fragilizada, ouve constantemente que ele não virá pois tem outras mulheres fora. É casado no exterior e engravidou e fugiu. Que nunca mais verá a cara do maridinho. Que foi incompetente para assegurar um casamento.

Franco retorna para nos buscar e seguimos viagem. Israel encontra-se em desenvolvimento. Faz 10 anos que se constituiu o Estado de Israel, e, que os judeus de todos os países concentram seus esforços na construção de uma nação onde possam viver em liberdade.

Os kibutz são a melhor solução para a colonização e guarda das fronteiras. Fomos viver no Kibutz Methzilott, próximo à fronteira com a Jordânia.

Adoravam a vida lá, apesar de conviverem com o perigo constantemente. Eram atacados até quando aravam os campos. Por outro lado aprendia-se muito.

Donaria engravida novamente. Desta vez, um casal de gêmeos. No dia em que os bebês nascem, um ousado atentado árabe, atinge a casa onde residiam. Sua filha Rebeca, a babá e algumas crianças que lá se encontravam, são atingidas pela explosão de uma granada incendiária. Todos sofrem queimaduras graves. Rebeca se encontra entre a vida e a morte no hospital. No mesmo hospital onde Donaria está trazendo a vida duas crianças.

É uma situação traumática. A orientação médica é que cuide dos bebês, pois havia risco de vida para a filha.

Família de Marcos Lepiscopo

História Paterna

Avós:

Giuseppe Lepiscopo

Nasceu em Regalbuto Sicília Itália casado com Carmella Bonavoglia. Veio ao Brasil como imigrante e instalou-se como comerciante.

Trabalhava com mercadorias importadas como azeitona, azeite etc...

Teve sete filhos: Maria, Natal, Vicente, Carmelo, Victor, Salvador e Carmela.

Quando a última filha nasceu, a esposa morreu. A criança pesava mais de cinco quilos.

Suspeita-se que Carmella Bonavoglia sofria de Diabettes.

A última menina foi dada para uma família amiga que não podia ter filhos e foi adotada por eles na condição de nunca ser revelada a verdadeira identidade, apesar de morarem no mesmo bairro.

Após um tempo, com todos os filhos para criar, resolveu casar-se novamente.

A nova madrasta colocou todos os filhos homens para fora de casa.

Desta união resultou mais um filho.

Giuseppe, foi perdendo o gosto pela vida vendo seus filhos separados. Foi perdendo o controle dos negócios e veio a falecer de um colapso cardíaco.

Pai : Victor Lepiscopo

Com a morte da mãe, a separação da irmã recém nascida, o casamento do pai e a expulsão da casa paterna. Uma grande reviravolta na vida. Sem teto e dinheiro, ou a quem recorrer, foram buscar abrigo nos canos de esgoto ou água de uma construção próxima. Em plena recessão econômica, emprego não se encontrava.

Para sobreviverem, faziam “bicos” por um prato de comida. Ou quando estes faltavam, o jeito era roubar uma galinha do vale do Anhangabaú, que antigamente só havia chácaras.

E ficar aguardando que o leiteiro entregasse o pão e o leite nas mansões do Bairro dos Ingleses, para saciarem a fome.

Em sua casa nunca faltou comida, a fartura e a bondade eram qualidades italianas.

As massas eram preparadas pela mãe e pretos ou brancos, ricos ou pobres eram chamados para se sentarem à mesa e compartilhar com a família a comida e a conversa.

E com esse espírito, apesar de todas as adversidades, carregou consigo. Cuidando de todos, inclusive dos irmãos durante toda a vida e orientando todos que encontrava.

Consegue um emprego na prefeitura. Sua vida muda substancialmente. Conhece Antonieta Aníbal Carneiro com então 16 anos e namoram um longo tempo até se casarem.

Teve dois filhos com uma diferença de 5 anos entre um e outro.

Fumou durante mais de 30 anos e ao se aposentar, foi diagnosticado um Enfisema pulmonar. Parou de fumar.

Surgiu um pouco mais tarde diabetes. Não conseguia manter o regime alimentar e passou a depender da insulina. Veio a falecer após a cirurgia de ponte de safena.

Todos os irmãos vieram a falecer por motivos cardíacos.

Mãe: Antonieta Aníbal Lepiscopo, mãe de Marcos Lepiscopo, casada com Victor Lepiscopo.

Filha de João Carneiro imigrante português e Modesta Coccielo imigrante italiana, é a filha mais caçula de três irmãos. Apresentando uma diferença de 12 anos do irmão do meio.

Seu pai veio a falecer quando tinha 11 meses. Sua mãe faleceu quando tinha 3 anos.

Não se lembra dos pais. Foi criada pelos irmãos.

Foi sempre muito submissa. Medrosa. Hipocondríaca.

Problema de tireóide, hipertensão, cólicas renais, etc...

Irmão : Maurício Lepiscopo

Filho mais velho do casal. Como era muito chorão, a mãe o levava para jogar pedrinhas no rio e se distrair. Ele queria que ela colocasse as lágrimas dentro da canequinha e ela fazia e faz suas vontades até hoje.

Aos 13 anos resolveu que não ia mais estudar. Foi trabalhar no Tribunal De Justiça.

Foi muito rebelde, impulsivo, na adolescência.

Teve uma namorada que se suicidou porque ele havia desmanchado o namoro.

Namorou durante anos e se casou com sua atual esposa, Eva Maria Ramos Lepiscopo.

Como pai, tem dois filhos, um casal.

Nunca conseguiu se fixar profissionalmente, fez mil cursos e não atuou em nenhum.

Tem muitos medos. Até de trovão e relâmpagos.

É uma pessoa sensível, afetiva, humana. Capaz de se doar e ajudar quem quer que seja.

Saúde boa, teve uma bronquite na infância que curou com natação e banho frio, que toma até hoje.

Marcos Lepiscopo

Segundo filho do casal, Victor e Antonieta Lepiscopo. Nasceu em 7/12/57.

Maurício contava com cinco anos e meio.

Quando bebê foi muito tranquilo. Era uma criança tímida, calada. Ficava vendo as outras crianças brincarem em cima do muro e não se relacionava com elas, apesar da insistência dos pais.

Durante a noite, acordava aos prantos, fora de si, correndo em direção à porta. Quando os pais iam socorrer-lo, gritava ainda mais, dizendo: “Quero meus pais! Vocês não são meus pais!”

Victor, em seu papel de pai, passava a noite em claro com o filho no colo, mostrando a imagem de São José, tentando acalmar o filho.

Isso ocorria quase diariamente. Os pais resolveram procurar ajuda médica.

Marcos foi conduzido ao hospital. Fez inúmeros exames. Passou em consulta com psiquiatra infantil e finalmente o pai resolveu buscar ajuda num centro espírita. Após um trabalho espiritual as crises cessaram. Passou a se relacionar com as crianças, mas a sensação de nunca pertencer ao núcleo familiar sempre se perpetuou. O pai o levava constantemente ao centro espírita.

Marcos sempre foi muito curioso, possuía um espírito investigativo e costumava desmontar os objetos para ver como funcionava.

Um tio, que viajou muito, pois trabalhou em navios, costumava sentar com as crianças e ensiná-las a montar com sucata, barquinho à vapor com lata de graxa de sapato, rádio de Galeno, etc...

Sempre foi bem nos estudos ao contrário do irmão que resolve parar de estudar aos 13 anos de idade.

Seu irmão Maurício, passa a dar muito trabalho para os pais. Chega tarde da noite em casa. As preocupações e discussões aumentavam. Para poupar os pais dos dissabores, assume uma adolescência certinha e longe de confusão. Além disso a família passa por inúmeras dificuldades econômicas. Mas seu pai, Victor, sempre foi muito lutador, e, engrossava o orçamento doméstico vendendo mercadorias paralelamente. Nunca aceitou o cargo de chefia que foi oferecido inúmeras vezes na prefeitura.

Marcos resolve trabalhar em uma loja de disco. Trabalho que adora, pois sempre gostou muito de música. Conhecia nomes, datas, histórico, estilos musicais, etc. Passou a efetuar as compras de produtos da loja, e administra-la melhor que o próprio dono.

Afastar-se do ambiente doméstico, era um alívio para ele. Mas continuava não enxergando perspectivas para si.

Em 1977, cursando o 3º colegial, conhece sua atual esposa Rebeca.

Sua vida toma outros rumos e perspectivas à partir daí.

Começaram a cursar a faculdade em 1979. Optaram por Pedagogia.

Não era o que ele queria fazer, mas a condição financeira não permitia que se dedicasse num período integral durante cinco anos fora da cidade.

Em dezembro de 1979, casou-se com Rebeca Bachner Lepiscopo.

Continuaram estudando e trabalhando.

Trabalhava numa multinacional durante o dia e à noite lecionava em escola pública.

Iniciou um curso de especialização em Psicodrama.

Em 1981, foi chamado para desenvolver um trabalho pedagógico na Itaotec.

Empresa que iniciou o trabalho com computadores de pequeno porte, os Pcs.

Foi um aprendizado importantíssimo, pois começou a juntar o pedagógico com o instrumental e administrativo.

Em 1983, foi convidado a desenvolver um trabalho para o Colégio Pueri Domus. Montou o laboratório de informática e desenvolveu o “Projeto logo”. Baseado na teoria de Jean Piaget e Seymour Papert. Um projeto inovador onde se alia os computadores à educação, onde a criança dá ordens a uma tartaruga e ela executa. Para tal, a criança necessita desenvolver conceitos matemáticos, etc... para poder operar.

Passa a dar consultoria a outras escolas e expandir o trabalho para as escolas do interior de São Paulo.

Escreve seu primeiro livro, HotLogo – Primeiros Passos – Coleção MSX – Editora Aleph.

Em 1985 nasce seu primeiro filho, Caio Bachner Lepiscopo. E em 1989, nasce o segundo filho Nathan Bachner Lepiscopo.

Em 1987, é convidado para trabalhar no Senac, implantando a área de informática na capital e no interior do estado. Desenvolve o projeto, seleciona, contrata e treina professores capacitando-os a lecionar e saber usar a nova ferramenta educacional.

Quando tudo caminho sozinho, resolve assumir uma área falida. Era a área de comunicação. Resolve transformar num Centro de Comunicação e Artes. O curso de fotografia, que era destinado a fotógrafos de casamento e fotos 3x4, foi extinto e transformado num arrojado curso de fotografia artística, jornalística, médica, fotografia digital, intercâmbio internacional com universidades americanas, etc...Culminando com um prédio arrojado, e a criação da primeira Faculdade de Fotografia do Brasil com exames pela PUC.

Lançou o Cd-rom História da Fotografia (1840-1960) pela Editora Senac.

Autor da exposição fotográfica de Alberto Korda, sobre Che Guevara.

Em 1999, é convidado a desenvolver o mesmo trabalho no Senac do Rio de Janeiro. Assim que iniciou o trabalho, foi chamado para assumir a área de desenvolvimento estratégico das unidades especializadas e conseqüentemente promover uma modificação maior nas estruturas da instituição.

Paralelamente ao desenvolvimento profissional, veio trabalhando-se emocionalmente e psicologicamente. Superando e eliminando os fantasmas do passado e se libertando de conceitos culturais e emocionais lesivos ao desenvolvimento harmonioso de qualquer ser humano.

Caio Bachner Lepiscopo

26/07/1985 idade atual 15 anos

Filho primogênito do casal Marcos Lepiscopo e Rebeca Bachner Lepiscopo.

Manifestou-se um desenvolvimento psicomotor precoce. Fixou a cabeça aos dois meses, sentou-se sem apoio aos quatro meses, saiu andando aos nove meses. Não engatinhou.

Aprendeu sozinho e escrevia seu nome aos três anos, assim como sabia ver as horas e controlar o tempo através dela.

Aos cinco anos já lia, sem freqüentar a escola. Desenha muito bem e é muito criativo. Interessasse por tudo e tem muita facilidade no aprendizado. Principalmente em assuntos relacionados com as áreas humanas.

Atividades esportivas como andar, andar de bicicleta, mountain bike, escotismo, traking e skate, são suas especialidades. Adora aventuras e explorações.

Ganhou um concurso de fotografia promovido pela Fuji Film na terceira série. Fez curso de desenho e escultura com a artista Eva Funari. No palco, é um artista aplaudidíssimo.

Por sua exacerbada sensibilidade, domina com muita facilidade assuntos filosóficos. Leitura é seu hobby. É muito crítico e não gosta de perder. Os valores humanos são profundos, gerando conflitos com os relacionamentos estabelecidos, onde a “falta de ética” dos colegas o incomoda demais. Gerando conflito ou desvalorização de seus potenciais.

Fornece todas as informações a respeito de Cds ou filmes. É capaz de dizer com precisão o nome dos diretores, atores, músicos, dados históricos, ano de produção, gravadoras, etc, assim como seu pai. É interessante ressaltar que Caio apresenta uma herança genética paterna.

Nathan Bachner Lepiscopo
28/07/1989 idade atual: 11 anos

Nathan, diferentemente do irmão, apresenta uma herança genética materna. É uma criança muito observadora. Não se expõe com facilidade a ambientes ou pessoas que não conhece. Num primeiro momento, todos dirão que é uma criança tímida. Ledo engano. É extrovertido, brincalhão, risonho, sagaz, astuto, ágil com as palavras, piadista e muito sedutor. Desconfiado “não entra de gaiato no navio”.

Seu hobby predileto é cozinhar. Maksymilian e Franciszek (bisavô e avô) são exímios cozinheiros.

Possui um raciocínio lógico matemático desenvolvidíssimo. Gosta de jogos, principalmente xadrez. Nos esportes se destaca na natação, principalmente no mergulho, onde já disputou e ganhou diversas competições.

É determinado, organizadíssimo, persistente e ansioso. Consegue o que quer e não desiste diante de obstáculos. É muito afetuoso, carinhoso e necessita de contato físico, como abraços e beijos constantes. Franciszek costuma dizer que cada dia que passa ele vê o pai no neto. Os mesmos trejeitos, as mesmas manhas, os cuidados pessoais, etc...

Rebeca Bachner Lepiscopo
25/08/1957 idade atual: 43 anos

Nasceu no Brasil. Aos dois meses partiu com a família num navio rumo a Europa e posteriormente Israel. Instalaram-se no Kibbutz Methzilot, próximo à fronteira com a Jordânia. Com um ano e meio sofre um acidente provocado por um atentado terrorista.

Sofre queimaduras de quarto grau na perna direita. Fica internada por muito tempo no hospital. No mesmo dia do acidente, nascem seus irmãos: Daniel e Beatriz Bachner.

Não admitia a presença da mãe no hospital. Gritava e ordenava as enfermeiras: “Tirem aquela mulher daqui!” Só aceitava a presença do pai. Demorou pra que aceitasse a mãe.

Teve muitos ciúmes dos irmãos, pois quando retornou, estes já eram grandes e haviam tomado seu espaço.

Os pais foram em busca dos melhores cirurgiões na Europa. Na área ortopédica e de cirurgia plástica os melhores se encontravam no Brasil. Vieram por indicação de médicos ingleses. Fixaram residência no Brasil, mas continuavam viajando e fazendo cirurgias no exterior, quando eram solicitadas pelos especialistas.

Aprendeu diversos idiomas e teve que se adaptar a culturas e situações diferentes.

Casou-se em 1979 com Marcos Lepiscopo teve dois filhos: Caio e Nathan B. Lepiscopo.

Formou-se em Pedagogia, Orientação Educacional, Psicopedagoga, Terapeuta Corporal e Floral. Administra cursos de auto-conhecimento e orientação para pais.

Comentário

Rebeca apresenta lacuna na área 2 (Perdão). Localizada na área do fígado, área de senso de justiça forte, gerando capacidade de envolvimento em causas sociais, liderança, gosta pela aventura. O medo da traição, raiva e revolta são fortes emoções aqui registradas, gerando suspeitas constantes. Estas emoções também aparecem nas gerações passadas e está marcada nas íris gravadas atualmente.

Pedi que comentasse sobre seus sentimentos em relação a esta área: “Na história familiar, tanto materna, quanto paterna, tanto a minha história de vida passada, observo registros

constantes de traição. Confiar no outro, nas situações, não fazem parte da minha personalidade. Confio desconfiando. Observo tudo. Os mínimos detalhes das ações e atitudes das pessoas, dos movimentos políticos, ações econômicas, etc... Sou de família de origem judaica. Meus antepassados perderam tudo que possuíam, não só bens materiais, mas como a dignidade, a vida, os direitos, os filhos, e a liberdade, inclusive de expressão.

Não é algo que ocorreu só na segunda grande guerra, nos campos de concentração, mas algo que aconteceu em diversas outras situações no passado onde às perseguições nunca cessaram.

Ocorreu comigo em minha família em 1959. Nossa casa em Israel foi alvo de um atentado terrorista. Perdemos tudo. Nossa casa ardeu até as cinzas. Sofri queimaduras de quarto grau, me submeti a 45 cirurgias, onde transplantavam de mi mesma o material de enxerto. Sobrevivemos. E recomeçamos tudo novamente, só que mais fortalecidos com a situação.

Acredito que somos como uma árvore, quanto mais se poda, mais forte e melhores frutos dá. Em virtude de acontecimentos pregressos, envolvo-me em causas sociais, e, desde criança percebo minha liderança. Estou constantemente a frente de grupos, trazendo reflexões e propostas novas, pois, a vida é uma grande aventura para se viver, vencer e vencer-se.”

Sua íris apresenta ainda lacunas (pétalas) nas áreas 5 (REPARTIR), área 6 (INDEPENDÊNCIA), na área 9 (NASCER), na área 12 (CONSTITUIR), na área 17 (CONFIANÇA), na área 18 (INFÂNCIA), na área 23 (SOLIDÃO), na área 28 (VOZ), na área 31 (CONSELHO) e na área 35 (SABEDORIA). Manchas psóricas (gemas) nas áreas 1 (CRIAÇÃO), na área 5 (REPARTIR), na área 7 (PREOCUPAÇÃO), na área 9 (NASCER), na área 10 (COMUNICAÇÃO), na área 17 (CONFIANÇA), na área 27 (ÊXTASE), na área 41 (IDEAIS), na área 42 (AUTORIDADE) e na área 45 (CORAÇÃO).

Nem precisamos colocar aqui os sentimentos de Rebecca a respeito destas áreas, pois, lendo sua história chegaremos às origens de todas estas marcas iridológicas.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve a intenção de trazer para cada um que tomou contato com ele, reflexões a respeito de suas próprias origens, a respeito das origens emocionais de suas família, das origens emocionais de um povo chamado “brasileiro”.

Acreditamos que estas reflexões sejam verdadeiros bálsamos, que aliviam muita culpa, que refrescam relacionamentos, que trazem o perdão para as almas e libertam o futuro.

Através da consciência de nossas origens, chegamos a criar um referencial importante que desperta a força vital de cada um. E através do amor deixamos o caminho mais iluminado para a geração atual e futura.